



Recensioni e resoconti

Recensioni di volumi, resoconti e riflessioni (di un massimo di 1.500-1.800 parole) su eventi di particolare interesse riferiti all'America Latina – tavole rotonde, seminari, convegni e manifestazioni – potranno essere inviati al consueto indirizzo mail (csal@units.it), mentre i volumi potranno essere recapitati all'indirizzo postale riportato in seconda pagina di copertina. I materiali che perverranno alla Redazione verranno valutati ed eventualmente pubblicati nel primo numero in uscita di «Visioni LatinoAmericane». I libri ricevuti verranno segnalati in apposita rubrica.

Recensioni

Antônio Fernando de Araújo Sá, *Capítulos de história da historiografia sergipana*, Editora Ufs, São Cristóvão, Ighse, Aracaju, 2013, 144 p.

O mais novo livro do historiador Antônio Fernando de Araújo Sá, professor associado do Departamento de história e dos programas de Pós-graduação em história e letras da Universidade federal de Sergipe (Brasil), nos brinda com a urgente necessidade de reflexão sobre a historiografia das mal denominadas «periferias intelectuais» brasileiras.

Neste livro, em especial, Sá debruça-se num estudo pormenorizado da vasta produção e contribuição acadêmica de alguns nomes da historiografia sergipana, inserindo-os num contexto mais amplo do desenvolvimento intelectual do Brasil do século passado. E neste ponto podemos identificar o primeiro grande alerta que tal trabalho, de certo modo, pioneiro, nos traz: a percepção de se estudar o micro sem isentá-lo do macro. Como bem tem defendido Antônio Fernando de Araújo Sá, é essencial buscar entender a historiografia que vem sendo redigida a respeito, mas, também, em Sergipe. Esta é, aliás, uma das constantes tônicas encontradas em *Capítulos de história da historiografia sergipana*, uma vez que, nem todos os trabalhos dos intelectuais analisados pelo Autor versaram especificamente sobre a história do referido Estado do Nordeste brasileiro. O que demonstra uma interessante perspectiva histórica dos mesmos: nem todos eles fizeram história regional ou local!

Longe de cair na armadilha da produção de um panegírico, seja sobre o Estado de Sergipe ou a respeito dos Autores estudados, Sá não abre mão de uma crítica coesa que vai além, mais uma vez, do local, inserindo seu exame às obras numa abordagem da própria produção historiográfica brasileira e mundial. Ele não isenta nomes importantes como João Ribeiro, Felte Bezerra ou José Calasans de uma avaliação crítica apurada, ao mesmo tempo em que contrapõe o pensamento produzido por eles à historiografia em voga nos seus respectivos momentos de produção.

O pesquisador abre seu livro analisando alguns trabalhos de João Ribeiro, intelectual nascido na cidade sergipana de Laranjeiras, na segunda metade do século XIX e falecido no Rio de Janeiro em 1934. Para Sá, uma das contribuições deste pensador, apesar de algumas pertinentes críticas ao seu trabalho que ele não deixa de fazer, jaz no



fato de que sua obra crítica trouxe «reflexões para a história da historiografia no Brasil» (p.36). Ou seja, aqui ressaltamos a fundamental preocupação de Sá em olhar além do local e a inserção de Ribeiro num contexto intelectual que não se resume em ou sobre Sergipe. E como é possível ler nas linhas finais do capítulo, por meio da obra de João Ribeiro «podemos ter uma leitura menos abrupta da transição da escrita da história da Geração de 1870 para a Geração de 1930, percebendo que o novo carrega consigo vestígios do velho e vice-versa (p.36).

O capítulo seguinte expõe toda a maturidade intelectual do Autor ao se debruçar na análise do pensamento de Bernardino José de Souza, grosso modo, em seu livro *Ciclo do Carro de Bois no Brasil*.

Sá correlaciona o pensamento de Souza a toda uma escola voltada para a Geohistória, demonstrando os pontos de consonância entre a história produzida por este com a geografia de Vidal de La Blanche. Com isso não deixa de alertar para os problemas contemporâneos que nossa área tem sofrido ao afastar-se de outras áreas, como por exemplo, a Geografia e o conseqüente esquecimento das contribuições do referido autor que se muniu da mesma em suas pesquisas.

Uma reflexão sobre Felte Bezerra e a historiografia sergipana preenchem as páginas do capítulo três. Neste ponto, Sá evidencia e quebra o paradigma «centro-periferia» que tem demarcado sobremaneira a historiografia brasileira nos últimos anos. Ele ressalta o quanto Bezerra estava em sintonia com a «produção intelectual dos historiadores à época» (p.62) e vaticina que «este diálogo historiográfico serviu para inserir a história de Sergipe nos contornos mais gerais da colonização brasileira» (p.62).

Antônio Fernando de Araújo Sá demonstra com erudição e eloquência que o modelo de pensamento de Felte Bezerra não estava atrasado frente às pioneiras obras de nomes como Sérgio Buarque de Holanda ou Gilberto Freyre. Ao contrário, estava em total sintonia com o que era produzido nos chamados grandes centros.

Aqui é indispensável uma avaliação de conjunto entre suas reflexões sobre Bernardino José de Souza e Felte Bezerra. É sensível a preocupação de Sá em ressaltar o que ele denomina como «elevado grau de especialização» (p.52) das universidades brasileiras e de seus Programas de pós-graduação. Os dois capítulos são fechados ressaltando este problema atual. Entretanto, cabe uma singela crítica à sua própria crítica.

É evidente que o Autor tem razão em chamar atenção para um dos mais sensíveis problemas, não só no Brasil, como nos corredores universitários mundiais. No entanto, vale ressaltar que mesmo os autores analisados, em seu livro, com seus vastos arcabouços bibliográficos, e conhecimentos em ciências humanas, foram também especialistas. A totalidade, a longa duração e a abordagem interdisciplinar dos mesmos em suas obras, aplicaram-se a temas específicos, como o próprio Sá bem demonstra em suas páginas: Revolução de 1930, História de Sergipe ou Bahia, aspectos do folclore sergipano e baiano, etc.

Este aspecto de seu trabalho apenas engrandece seu estudo, já que nos possibilita uma real reflexão acerca do ofício do historiador na contemporaneidade, tão demarcada pelo uso de novas tecnologias e a aceleração do tempo – basta pensarmos na chamada



História do tempo presente –, algo que, evidentemente, a geração de pensadores, por ele analisada, não se deparou.

Seu capítulo dedicado a José Calasans tonifica o que acabamos de ressaltar a respeito da especialização, ao menos, temática dos intelectuais analisados. Nesta caso, nos referimos a cultura popular e mais especificamente aos estudos sobre o folclore dos Estados de Sergipe e Bahia.

Sá demonstra como Calasans enveredou-se e contribuiu com os debates sobre tradição e a formação da nacionalidade brasileira. Segundo o autor, «o professor José Calasans na busca por fundir à tradição folclórica uma reflexão histórica renovou a historiografia brasileira» (p.71) e foi além «mostrando que os estudos folclóricos não podem ser apenas a recuperação da tradição, mas compreender as transformações históricas presentes no folclore» (p.71).

Verifica-se a importância e, mais uma vez, o quanto a historiografia sergipana não deve ser vista como objeto exótico do pensamento intelectual brasileiro. Ao contrário, a sensibilidade das análises de Sá nos remete ao não dito e, como sabemos, em História, muitas vezes o silêncio diz mais do que as palavras. E seria esta, talvez, a outra crítica que lhe fazemos e que aprofundaremos ao final de nossa resenha: Apesar de não ter sido objeto de seu livro, nos fez falta uma problematização mais profunda dos motivos pelos quais tais historiadores sergipanos foram relegados ao «limbo intelectual» brasileiro.

As duas partes finais do livro *Capítulos de história da historiografia sergipana* reservam um exemplo fundamental às novas gerações e abrem espaço para uma futura resposta ao nosso comentário acima.

No capítulo cinco, nos deparamos com uma tentativa de avaliação crítica dos últimos cinqüenta anos da historiografia sergipana. Mais do que redigir um mero ensaio revisionista, Sá realiza um balanço certeiro da produção historiográfica deste Estado, enveredando-se pelo que ele bem denomina como «passagem do autodidatismo historiográfico para a profissionalização do ofício de historiador em Sergipe» (p.113).

Em seguida, o empenho do autor em evidenciar ainda mais a produção da historiografia sergipana e inseri-la devidamente nas tendências contemporâneas, fixa-se nas contribuições do Departamento de história da Universidade federal de Sergipe.

Munindo-se de teses, dissertações e alguns estudos monográficos de graduação, Sá demonstra, no capítulo seis, como o caso sergipano não está isento de participar da grande voga que tem sido os estudos analíticos sobre a produção intelectual do Brasil.

Ao se questionar sobre quais foram as colaborações ofertadas pelo Dhi-Ufs para a história da historiografia (p.124), Sá perscruta todo o desenvolvimento e, de certa maneira, crescimento e profissionalização da História sob o cuidado da Universidade federal de Sergipe e mesmo do Instituto histórico e geográfico de Sergipe.

Para ele, foi na década de 1990 que se estabeleceu na historiografia sergipana um verdadeiro marco, uma vez que, «se percebe um amadurecimento da história enquanto disciplina com a transformação do Departamento de história da Universidade federal de Sergipe como o principal *locus* da produção intelectual» (p.125).



Voltamos a frisar o quanto este novo livro do professor e pesquisador Antônio Fernando de Araújo Sá é fundamental para a compreensão da história da historiografia de Sergipe e mesmo – por que não? – da história da historiografia brasileira.

Primeiramente, sua escrita é cadenciada. Seu texto é agradável e envolvente, apesar de não abrir mão, em nenhuma argumentação, da necessária erudição histórica. Em segundo lugar, seu vasto trabalho de pesquisa desemboca nessa mesma escrita, demonstrando seu poder de síntese e ao mesmo tempo à que se presta seu estudo, já que é fruto de debates com seus alunos de graduação na Universidade federal de Sergipe, no período em que ministrou a disciplina Historiografia brasileira (p.17).

Finalmente, não foi apenas para afagos que nosso olhar buscou uma leitura sistemática e minuciosa de *Capítulos de história da historiografia sergipana* do historiador Antônio Fernando de Araújo Sá. Voltamos a pontuar que a principal crítica que fazemos e deixamos, reside no desejo que seu livro nos traz – e esperamos que o Autor o faça – de ler futuramente suas reflexões sobre estes e outros pensadores, ditos de «província» inserindo-os de forma específica nas trocas intelectuais entre «centro» e «periferia» e, com isto, vermos ser derrubada de uma vez por todas tal noção. Para nós, Fernando Sá deu o primeiro grande passo e uma leitura e análise atenta de seus livros e artigos que antecedem esse seu novo trabalho evidenciam que ele sabe disso. Resta-nos esperar sua próxima publicação e desejar que seus debates e combates continuem.

Bruno Gonçalves Alvaro



Verónica Roldán, *Valori, cultura e religioni. Processi di globalizzazione e mutamento sociale*, FrancoAngeli, Milano, 2011, 158 p.

Verónica Roldán, sociologa di origine argentina che vive e lavora a Roma, nel suo libro, *Valori, cultura e religioni. Processi di globalizzazione e mutamento sociale*, analizza come il concetto di valore, presente nel dibattito sociologico, sia il frutto di una costruzione socio-storica e il suo aspetto mutevole, processuale e dinamico faccia parte della sua capacità trasformativa ed adattiva. L'Autrice non cade nell'errore di considerare la globalizzazione, anche se la parola è presente nel titolo, come categoria principale per la spiegazione dei fatti sociali in generale, e della perdita dei valori in particolare, ma analizza in modo efficace come aspetti sociali, culturali e storici siano fattori fondanti e funzionali per la spiegazione della società complessa in cui viviamo. Complessità presente e visibile principalmente nei contesti urbani. I valori, come emerge dal testo e dalle ricerche svolte dall'Autrice, proprio per questo processo trasformativo divengono, nelle società globalizzate, da collettivi a individuali.

Il lavoro con una forte base teorica, una robusta letteratura scientifica e l'esposizione di ricerche condotte sul campo, presenta lavori effettuati in America Latina e in Italia. L'analisi dei Paesi del Cono Sud, Argentina, Perù e Uruguay, che nel continente sudamericano hanno la presenza più alta di cristiani e di cattolici del mondo, prende spunto dai nuovi movimenti religiosi presenti nei tre Paesi con delle differenziazioni sostanziali. In Argentina, dopo la caduta del regime militare, si è passati, per una forma di riscatto, dal politico al religioso. Gli argentini, disgustati dall'imposizione militare di una identità argentina definita "occidentale e cristiana", hanno abbracciato nuove forme di rinnovamento religioso e carismatico come il movimento pentecostale; religioni sincretiche non autoctone come i movimenti afro-brasiliani; nuovi movimenti religiosi come *The family* fondato da Brandt Berg nel 1969 negli Stati Uniti e dalla forte caratteristica messianica e millenarista. Il filo conduttore, che l'Autrice propone è il riscatto dalla politica come canale di trasformazione e l'espansione dei movimenti religiosi sopra citati. La modificazione della realtà attraverso riti collettivi, come nel caso dei fedeli pentecostali; la partecipazione solamente come "clienti", aspetto evidente nel *candomble* e dell'*umbanda* che permette di non aderire pienamente ai dettami religiosi, ma di utilizzare i "servizi" dei *pae de santo* o delle *mae de santo* come si utilizzano i servizi di un *broker* o di un dentista; l'adesione a *The family* come momento di rinnovato ascetismo sono tutte forme di espansione di nuove modalità di valori negoziati.

In Perù, anch'esso uscito da una rovinosa dittatura da parte dei militari, la sociologa argentina evidenzia una crescita di fenomeni religiosi altri.

In Italia lo sguardo dell'autrice si è indirizzato verso tre fenomeni socio-culturali e religiosi: un nuovo fenomeno religioso, Anima niversale, fondato da Roberto Casarin alla metà degli anni Ottanta; l'interazione sociale e la distanza sociale nel tessuto sociale e urbano di Roma dove sono presenti, secondo le statistiche, circa quattrocentomila immigrati; i giubilanti arrivati a Roma per partecipare al Giubileo del 2000.



Il Giubileo evento principale e per alcuni fedeli “unico” in alcuni casi nella vita di un cristiano, diviene punto di vista privilegiato per la comprensione di quei disagi sociali che sono il frutto della mancanza o della perdita dei valori.

«Valori, politica e religione sono tre concetti che i giubilanti collegano direttamente alla modernità» (p.79). Modernità sempre sintomo di disagio per la perdita, ben identificata dall'Autrice, di relazioni sociali. Chi sono i giubilanti e che cosa è stato, e soprattutto come è stato vissuto, il Giubileo sono le domande che Verónica Roldán si è fatta e che, durante la ricerca svolta nel 2000, presentano la modernizzazione come esempio e ragione ultima della mancanza o perdita dei valori. La religione, quindi, viene percepita e vissuta come mezzo di riappropriazione della sfera sociale e della capacità di vivere ed agire la società moderna. Società, sia nelle parole dei giubilanti, che nelle interviste svolte dall'Autrice nella ricerca sulla distanza sociale, sul pregiudizio e sulle nuove forme di razzismo nella capitale italiana, che come sostiene Taguieffe si inserisce in un «pensiero razzista ordinario» ovvero un razzismo non definito, dai contorni sbiaditi e, forse proprio per questo, ancora più pericoloso perché mutabile.

Il libro ha tre punti di forza. Il primo è nella capacità dell'Autrice di strutturare i saggi come distinti ed indipendenti. La possibilità di leggerli singolarmente non toglie scientificità alla struttura del testo e permette di poter scegliere di leggere un capitolo prima di un altro senza seguire l'ordine del libro. Il secondo punto di forza è la possibilità di accedere al lavoro della sociologa argentina ad un eterogeneo gruppo di lettori. Possono, in questo senso, interessarsi al lavoro di Verónica Roldán sia gli addetti ai lavori, sia studenti, sia persone che vogliono conoscere meglio i fenomeni sociali da “completi profani”. Il terzo è nella bibliografia di riferimento che l'Autrice dimostra di conoscere bene. Una richiesta, forse lecita, è quella di sperare che la sociologa argentina possa rimettere mano a queste ricerche potendo ritornare sul campo. L'aspetto del cambiamento culturale e della modificazione dei valori attraverso il tessuto sociale e culturale merita un approfondimento continuo attraverso un lavoro comparativo nella società attuale.

Forse il lavoro di Roldán si può sintetizzare nelle parole di un informatore sulla negoziabilità dei valori. Manuel, intervistato durante la ricerca sul Giubileo del 2000 afferma: «la gente quando più è povera più è solidale, quando l'individuo si sviluppa di più nell'economico tende alla non solidarietà, all'egoismo, a cercare più di quello che vuole, perché? A quale scopo? È ridicolo, è più felice quello che meno ha, in molti casi, perché è più ricco di altri valori e sono quelli che arricchiscono l'essere umano e danno senso alla vita, a quale scopo vuoi uno yacht o un aereo?» (p.86).

Mario Pesce



Resoconti

'Prove tecniche' di cooperazione internazionale allo sviluppo: Università degli studi di Trieste e Universidad Santo Toribio de Mongrovejo de Chiclayo, Perù

È una sensazione davvero piacevole poter narrare di una collaborazione internazionale che ha portato significativi risultati. Appagante, poi, è poterlo fare in qualità di «testimone».

Nella primavera 2005 un piccolo gruppo di ingegneri navali dell'Ateneo triestino avanza la proposta di una collaborazione accademica con l'Università peruviana di Chiclayo. Si tratta dei docenti Igor Zotti, Alberto Francescutto, Marco Biot e Manuel Urcia Larios, originario del Perù. Proprio da quest'ultimo è iniziato l'*iter* per la stipula del nuovo accordo internazionale. Il prof. Urcia Larios è docente a contratto di Ingegneria navale nell'Ateneo triestino, nonché insegnante e vice preside dell'Istituto tecnico nautico di Trieste, ma, soprattutto, è originario della zona Nord occidentale del Perù, di cui Chiclayo è la città principale, dotata di un Ateneo di recente costituzione. Urcia Larios è il mediatore culturale di questa iniziativa, che senza il suo impegno personale non si sarebbe potuta realizzare.

L'accordo di collaborazione culturale, scientifica e accademica fra le due Università prende corpo rapidamente: nel luglio 2005 viene approvato dagli organi accademici triestini e firmato il 12 agosto dello stesso anno dal rettore in carica, il prof. Domenico Romeo. Parimenti, da parte peruviana l'approvazione giunge il 5 settembre 2012 per volere del rettore prof. Pedro Mendoza Guerrero.

I motivi di questa collaborazione possono essere rapidamente spiegati. L'Università peruviana di Chiclayo è intitolata a Santo Toribio de Mongrovejo, figura di spicco di tutta l'America Latina, arcivescovo di Lima nel 1500 e primo spagnolo a divenire grande promotore delle culture locali *quechua* e *aymara*. Si tratta quindi di una università cattolica, che ha come responsabile, *gran canceller* in spagnolo, il vescovo della diocesi cittadina, mons. Jesùs Moliné Labarta. L'Università di Chiclayo è un Ateneo di recente istituzione e, come indicato nelle sue finalità costitutive, intende essere motore di sviluppo della comunità locale, residente nella zona costiera a Nord Ovest del Paese andino, caratterizzata da vari problemi di arretratezza sociale, economica e culturale. L'Ateneo peruviano viene inaugurato nell'ottobre 1998 e nel 2013 celebra i suoi primi 15 anni di vita. Chi ne visita il sito Internet, o ne consulta video e materiali istituzionali, ricava la netta impressione di una struttura moderna, con una forte presenza giovanile e proiettata a promuovere la realtà sociale circostante.

Al momento è dotata di cinque facoltà: Diritto, Economia, Scienze letterarie e umane, Medicina, Ingegneria e di 17 Scuole di formazione professionale in molteplici settori. L'Ingegneria navale, uno degli indirizzi di studio principali della Facoltà di ingegneria, è importante perché Chiclayo è una città costiera e il suo centro dista soltanto 15 chilometri dalle sponde dell'oceano Pacifico. Intensa pertanto è la necessità di progettazione navale.

La regione del Lambayeque, di cui Chiclayo è capoluogo, è un territorio prevalentemente costiero, situato al Nord Ovest del Perù, contrassegnato all'interno da zone aride, tanto pianeggianti quanto montuose; da qui la necessità di appoggiarsi maggiormente per i collegamenti alla zona costiera, dove si sviluppano significative attività marittime. Ne



deriva un forte interesse per le scienze e le tecniche della navigazione, alle quali l'insegnamento e la ricerca universitaria possono dare un impulso decisivo.

La collaborazione interuniversitaria fra Chiclayo e Trieste si connota da subito per una forte dimensione didattica. Iniziano le missioni d'insegnamento dei docenti triestini, che tengono lezioni di ingegneria e architettura navale, disegno e costruzioni navali. Si recano a Chiclayo soprattutto per tenere corsi *compattati*, condensando in un paio di settimane al massimo interi insegnamenti semestrali, con un impegno didattico di 40 ore settimanali. I professori dell'Ateneo giuliano che si sono recati frequentemente a Chiclayo nel corso di questi anni sono: Alberto Francescutto, Igor Zotti, Marco Biot, Ferruccio Bressani, Gabriele Bulian, Manuel Urcia Larios Martina Vascotto e Michela Sasdelli. Allo stesso tempo, ogni anno, una decina di studenti peruviani giungono a Trieste per svolgere un trimestre di studi: solitamente da ottobre a dicembre. Sono ragazzi selezionati dalla loro Università, che trovano in questa opportunità un'occasione unica per compiere una significativa esperienza all'estero, conoscendo realtà quali la Fincantieri, le Autorità portuali, le industrie produttrici mondiali di motori navali come la Wartsila e altri importanti poli industriali del nostro Paese.

Dopo sette anni di intensa collaborazione fra i due Atenei, nel luglio 2012, si è tenuta la prima sessione di laurea della Scuola di ingegneria navale dell'Universidad Católica de Santo Toribio de Mogrovejo di Chiclayo. La Scuola, con la partecipazione dell'Università di Trieste, ha visto dunque laureare i primi cinque ingegneri navali un anno fa.

Oltre alle attività didattiche, vanno segnalate anche quelle di ricerca intraprese congiuntamente dai due Atenei. Inizialmente è stato avviato uno studio teorico-sperimentale sulla stabilità dei pescherecci in condizioni meteomarine avverse. La zona costiera di Chiclayo è ricca di attività legate alla pesca, ma i mezzi marittimi appaiono tecnologicamente superati, presentando non pochi problemi di sicurezza nell'affrontare l'oceano Pacifico in condizioni meteorologiche difficili, con gravi rischi per le vite dei pescatori a causa dell'instabilità delle imbarcazioni. Nelle figure 1 e 2 si vedono alcuni esempi di imbarcazioni usate dai pescatori di Chiclayo.

Figura 1



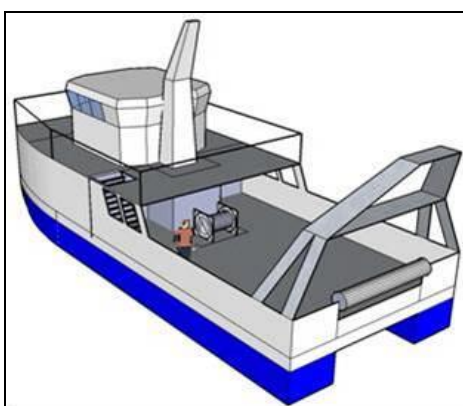
Figura 2





A livello scientifico, il primo intervento è stato proprio quello innovare le modalità di costruzione dei pescherecci in un'ottica di maggiore sicurezza in condizioni ambientali difficili. Il risultato è stato la progettazione di natanti di nuova concezione, portati all'attenzione dei costruttori navali peruviani e diffusi presso le istituzioni e gli addetti ai lavori dell'ambito navalmarittimo del Paese andino. La figura 3 mostra il progetto di un peschereccio per la zona costiera di Chiclayo così come realizzato dal lavoro degli ingegneri navali triestini.

Figura 3



Fra i già molteplici studi susseguitisi e pubblicati su questo tema, piace qui ricordare il lavoro presentato al congresso di Pavia del 2009 del Cucs (Coordinamento universitario per la cooperazione allo sviluppo), di cui l'Ateneo giuliano è componente attivo, dal titolo *Study of innovative vessels for river and oceanic fishing in Perù*, a cura dei professori Igor Zotti e Alberto Francescutto. Uno studio condotto sul campo analizzando le condizioni di pesca nel litorale di Chiclayo, in particolare nelle località di Santa Rosa e Pimentel, dove sono state valutate attentamente sia le situazioni ambientali che quelle tecnologiche della flottiglia dei pescherecci locali. Per trarre le migliori conclusioni possibili in termini di sicurezza della navigazione, lo studio ha preso in considerazione anche alcuni incidenti di navigazione avvenuti in quegli anni a pescherecci italiani, prendendo in considerazione soprattutto manovrabilità e operabilità delle imbarcazioni.

Le indagini tecniche si sono svolte nei laboratori idrodinamici dell'Università di Trieste, nella vasca del Dipartimento di architettura navale. Le conclusioni degli studi e delle ricerche hanno portato alla progettazione di un catamarano con una chiglia innovativa. Lo scafo del catamarano viene infatti dotato di un bulbo sommerso in posizione centrale (figura 4), che ha l'effetto di ridurre sensibilmente sia il rollio che il beccheggio dell'imbarcazione. Inoltre la manovrabilità del catamarano è generalmente molto buona, specialmente grazie alla presenza di due motori e due timoni che, rispetto alle imbarcazioni monochiglia, conferiscono un notevole vantaggio operativo.



Figura 4



Di grande interesse è stato anche lo studio per la realizzazione di una nave ospedale per assistere le popolazioni indigene del braccio peruviano del Rio delle Amazzoni, nella regione di Iquitos. In questo caso si muta decisamente contesto ambientale: non più la zona costiera del Lambayeque, ma l'ampia area Nord orientale caratterizzata dalla foresta pluviale. L'intervento degli ingegneri navali è richiesto per studiare le caratteristiche della navigazione fluviale, specie per i battelli con finalità medico-ospedaliera. Com'è noto, infatti, il Perù Nord orientale è una vasta area geografica di foresta primaria inserita nell'ampio sistema idrologico del bacino amazzonico (*Amazonas*), dove prende vita il Rio delle Amazzoni. Iquitos è il capoluogo della vasta regione di Loreto, l'Amazzonia peruviana. Situata a km 125 a valle della confluenza dei fiumi Ucayali e Marañón, sorge proprio sul fiume amazzonico ed è conosciuta come la più grande città continentale non raggiungibile via terra, ma soltanto per mezzo della navigazione fluviale oppure con il mezzo aereo. In questo immenso bacino fluviale l'assistenza medica può essere quindi garantita solo da imbarcazioni, le uniche in grado di raggiungere gli sperduti villaggi situati sui corsi d'acqua dell'ampio entroterra. Nella figura 5 si possono osservare le attuali imbarcazioni per la navigazione fluviale sul Rio delle Amazzoni.

Figura 5





È nato così il progetto di una nave ospedale che se realizzata – e in tal senso vi sono indiscrezioni che prossimamente la marina militare peruviana allestirà una piccola flotta di queste imbarcazioni sulla base del progetto in questione – potrebbe mettere a disposizione della popolazione uno strumento ragguardevole per gli interventi di assistenza clinica.

La nave progettata, lunga 35 metri e larga 12, avrà due ponti: il primo ospiterà un ambulatorio e una sala operatoria di piccole dimensioni; il secondo sarà dotato di una farmacia, un laboratorio per le analisi e i locali per l'equipaggio. L'assistenza verrebbe garantita anche da cinque posti letto, in quanto il battello non si utilizzerebbe per veri e propri ricoveri ospedalieri, ma soltanto per visite, piccoli interventi chirurgici e l'assistenza medico-infermieristica. L'imbarcazione, infatti, dovrebbe percorrere tutti i villaggi fluviali sostando al massimo un paio di giorni in ciascuno di essi.

Inizialmente lo studio di progettazione di questa *Clinic ship* è stato oggetto delle tesi di laurea degli studenti di ingegneria navale delle Università di Trieste e di Chiclayo. In particolare vanno ricordati i lavori dell'italiano Ubaldo La Monaca e del peruviano Pedro Mendoza Vassallo, quest'ultimo impegnato come dottorando di ricerca presso lo stesso Dipartimento di ingegneria dell'Università triestina. La supervisione del progetto è stata curata dai docenti di Trieste, Alberto Francescutto, Marco Biot e Igor Zotti. La figura 6 mostra un'efficace anticipazione grafica del progetto della clinica navale fluviale.

Figura 6



Per celebrare i primi otto anni di collaborazione nel campo dell'ingegneria navale, i due Atenei hanno deciso di organizzare la prima conferenza internazionale scientifica sulla navigazione fluviale nella città di Iquitos. Il convegno, *Safety and energy efficiency in river transportation for a sustainable development of the Peruvian Amazon Region. Seguridad y ahorro energetico en el transporte fluvial, para un desarrollo sostenible de*



la *Amazonia Peruana*, ha avuto luogo dal 17 al 19 luglio 2013, ed i relativi Atti sono stati pubblicati dall'Eut (Editrice Università di Trieste).

Nel corso dello stesso convegno è stato ufficialmente presentato il progetto, *Concept design of a clinic ship for the health care system in the Peruvian Amazon basin*, curato da Pedro Nicolás Mendoza Vassallo, Marco Biot e Ferruccio Bresciani

L'imbarcazione è concepita per affrontare differenti condizioni ambientali e di navigazione. La sua versatilità consente infatti il suo utilizzo sia nei fondali bassi, durante la stagione secca, sia risalendo le forti correnti durante la stagione delle piogge.

Inoltre, particolare attenzione viene posta alla manovrabilità e alle capacità di approdo e ormeggio, fattori di grande interesse pratico in questa regione. In tale contesto può essere realizzata solo un'imbarcazione di dimensioni ridotte, dotata, come abbiamo visto, di tutte le attrezzature cliniche necessarie. I motori sono stati studiati considerando le complessive esigenze di navigazione sia per le resistenze idrodinamiche causate dai bassi fondali che da quelle causate dalle forti correnti fluviali, mentre le caratteristiche di stabilità e galleggiabilità si accordano alle regolamentazioni internazionali dell'Imo (International maritime organization).

Una collaborazione quindi di grande utilità pratica quella instauratasi fra gli Atenei di Trieste e di Chiclayo, che testimonia la capacità di un Ateneo italiano di promuovere la didattica presso una realtà universitaria giovane di un Paese emergente in un'ottica globale di cooperazione internazionale. Come pure brillanti appaiono i risultati della ricerca scientifica in settori tecnologicamente inusuali per l'ingegneria navale italiana. Certamente anche per tutti questi motivi il prof. Alberto Francescutto è stato significativamente insignito della *laurea honoris causa* in Ingegneria navale dall'Universidad Católica de Santo Toribio de Mongrovejo di Chiclayo, nel ottobre 2011, con la motivazione di «essere un noto e stimato scienziato italiano nel mondo accademico dell'Ingegneria navale, e non solo per i risultati delle sue ricerche, ma anche per avere sempre interpretato il suo ruolo di professore come funzione sociale, e per l'impegno civile e per la sensibilità culturale in favore dei Paesi emergenti».

Abbiamo voluto registrare, con questo sintetico resoconto, un felice percorso culturale e accademico ricco di spunti scientifici e umani, sicuramente foriero di nuovi e ulteriori sviluppi. Una collaborazione che consolida fortemente i rapporti fra due continenti e mostra, peraltro, la vivacità della presenza collaborativa italiana nel mondo, specie quando questa si lega agli interessi e allo sviluppo autentici delle popolazioni coinvolte.

Giampiero Viezzoli